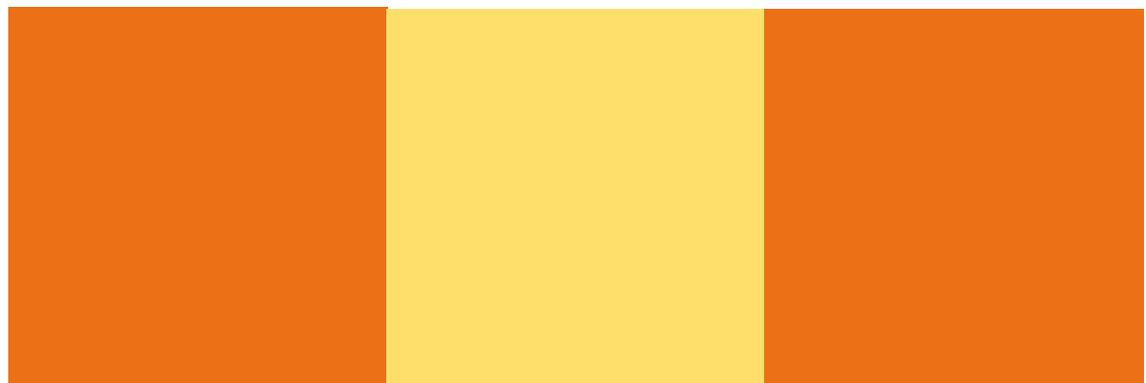


A lua da grande demissão, o dedo do valor trabalho¹

Yann Moulier Boutang

Economista. Editor da Revista Multitudes.



¹ Texto originalmente publicado na Revista Multitudes. Disponível em: <https://www.multitudes.net/lune-de-la-grande-demission-le-doigt-de-la-valeur-travail/>

“Quando o sábio aponta a
lua, o tolo olha o dedo”

(Provérbio Chinês)

Realmente um mito?

O sociólogo Nicolas Roux, em um breve artigo no AOC (8 de janeiro de 2023) *Le "refus du travail": une idée reçue qui fait diversion*, descartou a ideia da "grande demissão" que apareceu nos Estados Unidos imediatamente depois da pandemia de Covid-19. Sem entrar no debate do outro lado do Atlântico, ele afirmou que isso não tinha acontecido na França e que a *desistência silenciosa (quiet quitting)* não era novidade desde o abrandamento dos trabalhadores na execução de suas tarefas. Em resumo, muito barulho sobre "quase nada". O que ele criticou nesta "pseudo constatação" sobre a "escassez de mão-de-obra" é que ela desvia a atenção da causa raiz deste mal-estar no mercado de trabalho: o estabelecimento de uma precariedade generalizada que degrada o emprego em nome de uma ideologia neoliberal. Esta ideologia, de acordo com a teoria do desemprego voluntário - à qual Keynes havia posto fim para permitir a instalação do subsídio de desemprego -, atribuía o desemprego a uma vontade individual do empregado de recusar trabalho em geral e, portanto, o responsabilizava. Um argumento tão antigo quanto Herodes. Por que não? As ilusões de ótica são tão antigas quanto o mundo. É preciso estar atento aos "fenômenos". No entanto, é surpreendente que esta afirmação virtuosa sirva de pretexto para fechar os olhos para uma realidade que tem sido observada por tantos economistas, diretores de empresas, gerentes de recursos humanos, funcionários, desempregados, trabalhadores temporários e trabalhadores em atividade. Isto porque significa silecna as questões do sentido ecológico do emprego, e a do crescimento. Não parece que nosso sociólogo tenha realmente ouvido as declarações retumbantes dos estudantes das grandes escolas de engenharia em suas cerimônias de formatura, documentadas por tantas vítimas verbais. É necessário criticar as aparências, mas também

é necessário levar em conta os fenômenos e os erros que elas geram. Ainda mais quando se trata de um mito.

Vamos primeiro fazer um balanço do que aconteceu desde 2020; depois, olhar as questões levantadas ou a serem levantadas; e terminar com uma interpretação com algumas anotações sobre as receitas que nos convidam a "dar sentido" ao trabalho à esquerda ou a defender o sintagma quase obscuro do valor de trabalho à direita.

O paradoxo da "Grande Demissão" americana

Nos Estados Unidos, durante o ano de 2021, 47 milhões de americanos haviam se demitido². O fenômeno só começou a desacelerar na primavera de 2022.

Após os primeiros surtos da epidemia de Covid 19, as medidas de contenção (parciais em alguns estados pró-Trump) tiveram um impacto negativo sobre a atividade econômica, que se contraiu. Uma recessão brutal era esperada, como é o caso nos Estados Unidos, ao contrário da Europa, onde os amortecedores sociais são amplamente utilizados, particularmente na França. Esta sequência teria levado a um estremecimento dos postos de trabalho dos assalariados, que estavam relutantes em engrossar as fileiras dos desempregados em um momento tão ruim, até o final de 2020. Entretanto, houve uma onda sem precedentes de demissões, inclusive em categorias de empregos que não pertenciam a gerentes seniores, para os quais a taxa de mobilidade é muito mais alta do que em empregos de baixa e média qualificação. 47 milhões de americanos deixaram voluntariamente seus empregos, ou para mudar de emprego imediatamente, para ficar desempregado e procurar outro emprego, ou para retirar-se completamente do mercado de trabalho (para a aposentadoria antecipada, ou para ficar inativo até tempos melhores). Embora o mercado norte-americano tenha sido tradicionalmente mais atrativo para os trabalhadores desempregados friccionais, com uma taxa de pleno emprego de quase 5% da população à procura de trabalho, conforme definido pela Organização Internacional do Trabalho, em comparação com 2,5% na Europa nos anos 50 e 70, ele foi ultrapassado

² <https://www.slate.fr/story/230708/grande-demission-etats-unis-que-font-americains-quittent-jobs-marche-travail-emploi-salaire-retraite-reconversion>

pelo velho continente. Atualmente, com uma taxa de desemprego de 5,8%, os Estados Unidos têm a menor taxa de desemprego entre os países da OCDE. No entanto, 47 milhões de demissões em um ano (vamos acrescentar pelo menos metade em 2022) é bastante impressionante. A taxa de demissão atingiu 3,0% no final de 2021, seu nível mais alto desde 2000. Mas na indústria de manufatura, a taxa de demissão é atualmente semelhante à alcançada no início dos anos 50 e nos anos 60 e 70³.

O que tem tornado tal índice impressionante é o risco de uma recessão brutal após a paralisação parcial da economia e os discursos muito mais audíveis do que o habitual por parte dos empregados, sejam eles precários ou não, sejam eles pertencentes às classes trabalhadoras ou ao setor terciário qualificado.

Uma demissão geral, não apenas americana

Por que se falou tanto sobre a Grande Demissão Americana? Conhecíamos a particularidade do mercado de trabalho americano. As facilidades legais que permitem aos funcionários deixar seu empregador sem ter que notificar ou recorrer à demissão amigável (*Employment Act at Will* em 49 dos estados americanos) foram geralmente invocadas. Na França, a demissão sem o acordo do empregador expõe o empregado a uma perda de acesso aos benefícios de desemprego. A lei restringe a duração do subsídio de desemprego de acordo com a situação econômica.

A realidade, ao contrário do que nosso ingênuo sociólogo afirmou, é que o velho continente (incluindo a França) estava passando exatamente pelo mesmo fenômeno. No relatório DARES, vemos: "No final de 2021 e início de 2022, o número de pedidos de demissão atingiu um nível historicamente alto, de quase 520.000 por trimestre, incluindo cerca de 470.000 demissões de contratos por tempo indeterminado. O recorde anterior data do primeiro trimestre de 2008, com 510.000 demissões, das quais 400.000 foram somente de contratos por tempo determinado". E estes detalhes adicionais: "A taxa de

³Todos esses dados foram apresentados no seguinte relatório DARES: https://dares.travail-emploi.gouv.fr/sites/default/files/96d7feb4c4eb778eb791d0f01d3574c0/Dares_La%20France%20vit-elle%20une%20C2%AB%20Grande%20d%C3%A9mission%20C2%BB.pdf

demissão assim obtida atingiu 2,7% na França no primeiro trimestre de 2022. É a mais alta desde a crise financeira de 2008-2009, mas permanece abaixo dos níveis atingidos pouco antes, no início de 2008 (2,9%). Somente em empresas com 50 ou mais funcionários, a taxa de demissão está atualmente entre as mais altas desde 1993: com 2,1%, ela é, no entanto, inferior à observada no início dos anos 2000 (2,3% no primeiro trimestre de 2001). (...) O alto nível da taxa de demissão deve ser visto à luz do fato de que as dificuldades de recrutamento são sem precedentes na fabricação e nos serviços, e estão no seu ponto mais alto desde 2008 na construção. (...) O retorno ao emprego dos demissionários parece ser rápido, apesar do alto nível de demissões: cerca de 8 em cada 10 demissionários de contratos por tempo indeterminado na segunda metade de 2021 estão empregados dentro de 6 meses, e esta proporção é estável em comparação com o cenário pré-crise sanitária.

Uma situação favorável para os funcionários que poderia levar a um aumento dos salários. O número atual de demissões é, portanto, elevado, mas não sem precedentes, nem inesperado, dado o contexto econômico. Ela reflete o dinamismo do mercado de trabalho e uma situação em que o poder de barganha está mudando em favor dos empregados. Em um contexto de ainda altas dificuldades de recrutamento, é provável que os salários de contratação aumentem, especialmente para aqueles que se demitiram recentemente. Além deste efeito potencial sobre os salários, as pesquisas Acemo-Covid⁴ mostram que, no início de 2022, algumas empresas estão fazendo concessões sobre as condições de trabalho ou organização (trabalho remoto) ou sobre a forma de contratos de trabalho a fim de reter ou atrair empregados⁵.

O eco da Grande Demissão Americana não se limitou à Europa. Na Coreia, Japão e até mesmo na China, fenômenos semelhantes vêm ocorrendo há vários anos.

⁴ <https://www.casd.eu/source/enquete-mensuelle-flash-sur-lactivite-et-les-conditions-demploi-de-la-main-doeuvre-pendant-la-crise-sanitaire-covid-19/>

⁵ Ibidem .



Um fenômeno geral subjacente desde muito antes da pandemia da Covid-19

Anthony Klotz, o psicólogo de trabalho que cunhou o termo "a grande demissão", entendeu que algo estava mudando. Graças à Covid, ele explica, as pessoas disseram para si mesmas: "O que estou fazendo não é mais o que eu queria fazer, não é mais o meu objetivo e quero perseguir meu sonho".

Segundo o pesquisador, porém, a pandemia não é a única razão para este fenômeno: "Uma bolha estava pronta para estourar. Também podemos ver isto na França. Toda uma geração de jovens, especialmente os jovens recém-formados, tem diferentes aspirações. Eles querem terminar seus estudos, mas também querem encontrar um trabalho significativo. Eles querem uma localização geográfica que lhes agrade, mais flexibilidade e mais autonomia"⁶.

Que por trás deste fenômeno, revelado por ocasião da crise da Covid, ocorra um ressurgimento das lutas de classe, também é atestado por um fenômeno mais amplo do que a demissão voluntária do funcionário (em todas as suas formas): é o *quite quitting*. Não se trata mais de uma demissão-deserção franca, mas de uma restrição parcial do compromisso de trabalhar. É *uma auto-limitação silenciosa no desempenho do trabalho*: considerando que o que é prescrito ao trabalhador nas novas formas de organização do trabalho requer um engajamento *nervoso*, capacidades de iniciativa e autonomia que não são devidamente recompensadas, o trabalhador limita seu desempenho (uma variante invertida da operação-padrão ou tartaruga⁷). A suspensão da economia e o trabalho remoto desempenharam um papel crucial na propagação desta forma de recusa de trabalho, que é muito mais tortuosa e astuta do que a greve clássica. Isto nos leva a dizer algumas palavras sobre dois fenômenos bem conhecidos na Ásia: o **Tangping** (躺平) que surgiu abertamente na China em 2021 e o **Hikikomori** japonês (引き籠もり) que tem sido endêmico há mais tempo.

⁶ <https://www.slate.fr/story/230708/grande-demission-etats-unis-que-font-americains-quittent-jobs-marche-travail-emploi-salaire-retraite-reconversion>

⁷ Operação-padrão, greve de zelo, ou operação-tartaruga, é a realização de um serviço por funcionários de uma empresa ou organização seguindo os procedimentos operacionais padrão com rigor excessivo. Muitas vezes, são utilizadas como forma de protesto, antecedendo greves.

O hikikomori, a auto-reclusão japonesa

Um hikikomori é alguém que se afastou dos outros, do mundo, e se colocou em uma caverna (ou em uma caixa separada). O Ministério da Saúde no Japão o define da seguinte forma: "É a condição de uma pessoa que evita a participação social devido a vários fatores e causas, e permanece permanentemente confinada à sua casa por mais de seis meses". Em resumo, uma pessoa que se exclui da sociedade, de sua família e dos valores tradicionais da cultura japonesa.

Esta verdadeira patologia social corresponde a uma reação dos jovens (afeta principalmente os homens, 70%) à pressão social muito forte exercida por suas famílias e escolas durante a adolescência. O fenômeno surgiu em meados da década de 1980 e se espalhou pela Europa e pelos Estados Unidos. Esta auto-exclusão pode durar meses ou mesmo anos. Atingiu proporções tais (0,5-2% da população total) que o governo japonês aplica o termo àqueles que por mais de seis meses vivem em seus quartos sem nenhum contato com amigos ou família. O termo foi cunhado pelo psiquiatra Tamaki Saito em 2013, em resposta ao número crescente de adolescentes que estavam se tornando letárgicos, totalmente isolados e se recusando a se comunicar; ainda, apresentavam sintomas depressivos, obsessivos e compulsivos de autodepreciação e perseguição. De fato, o mesmo indivíduo que recusa qualquer relacionamento escolar ou de trabalho, qualquer contato "normal", especialmente com sua família, pode passar a noite inteira lendo mangá ou na internet e nas redes sociais (ainda que apenas 10% naveguem na Internet). Flavio Rizzo, professor da Universidade de Tóquio, adverte contra uma psiquiatria banal do fenômeno, propondo definir o *hikikomori* como "eremitas pós-modernos". A taxa de suicídio entre estes "reclusos" é baixa. A retirada do mundo é um tema clássico e recorrente nas culturas japonesa, coreana e chinesa. A forma extrema que esta retirada assume no Japão é proporcional à pressão social sobre o indivíduo e à concorrência implacável que ela promove. Não é tanto uma patologia de indivíduos, mas a tradução e o testemunho de uma patologia social. Esta patologia é tão grave que um estudo realizado em 2014 com 270 indivíduos que haviam sido submetidos a terapias de

reabilitação avaliou que o tempo necessário para retornarem ao trabalho chegava a uma média de 12 anos. Outro estudo mostrou a frequência de recaídas: mais de um quinto das pessoas auto-excluídas que haviam aceitado frequentar centros de reabilitação deixaram de fazê-lo. Isto significa que, com esta patologia crônica, o mercado de trabalho "estilo japonês" começou mal a corrida dos próximos anos, que são caracterizados por um envelhecimento sem precedentes da pirâmide etária. Mas longe de ser um fenômeno patológico, psiquiátrico, o *hikikomori* não se limita a uma paixão triste.

A auto-reclusão tornou-se um componente da cultura popular japonesa no anime e na manga. "Em um número crescente de obras, é dado um papel de herói a um Hikikomori. O autor do romance *Welcome to the NHK*, Tatsuhiko Takimoto, define-se como um Hikikomori. Quanto à NHK, não é a (日本放送協会, Nippon hōsō kyōkai, a emissora pública de televisão do Japão) mas a Nihon Hikikomori Kyōkai (Associação Hikikomori do Japão) e todo o trabalho sucessivamente transposto para o desenho animado gira em torno da luta do protagonista Tatsuhiro Sato com seu destino como hikikomori. Sato sofre de fobia social e seu auto-isolamento se deve à sua incapacidade de enfrentar a sociedade de uma forma natural. Tendo-se encontrado inesperadamente em dificuldades econômicas devido à falta de ajuda de seus pais, ele desenvolveu um vínculo de interdependência com Misaki, a jovem que procura ajudá-lo, semelhante àquele entre mãe e filho" (na família japonesa). A gestão autoritária da sociedade desde 1945 não cessou, apesar da "democratização" das instituições, e a injunção ao individualismo consumista e conformista levou a esta reação desconcertante. Não muito longe dali, mais ou menos ao mesmo tempo, houve também uma grande deserção na imensa China industrial.

O TangPing chinês⁸

⁸ Todas as referências e conteúdo deste desenvolvimento podem ser encontradas no excelente artigo da Wikipédia francesa @ <https://fr.wikipedia.org/wiki/Tangping>

Tangping (躺平), "deitar" em todos os sentidos da palavra (como Alexandre, o Abençoado, fica na cama o dia todo no filme francês homônimo, lançado em 1968) é uma palavra de mobilização que apareceu na Internet em 2021. Manifestação contra a cultura do trabalho socialista e capitalista e a regressão real (内卷化 nèijuǎnhuà) de uma sociedade baseada no número 996 (trabalhando das 9h às 21h, seis dias por semana). « Deitar-se", "ficar deitado" é fazer resistência passiva. Sentado no chão, ou pior ainda, deitado, sempre foi considerado uma degradação social na China e um objeto de zombaria: 躺平任嘲 (tǎngpíng rèrcháo) significa deitar-se e deixar as pessoas zombarem de você. Curiosamente, TangPing foi ligado a outro fenômeno, o Sanhe Dashen (三和大神) de jovens trabalhadores migrantes que se mudaram para Shenzhen e assumiram o trabalho informal, trabalhando um dia e depois passando os três dias seguintes em cibercafés. A mídia inicialmente os retratou como viciados em jogo, mas entrevistas com eles revelaram que sua saída das relações normais de trabalho não era uma escolha de vida. Alguns deles tinham vendido seus cartões de identidade por 100 yuan e tinham poucas oportunidades de emprego ou moradia estável.

Desnecessário dizer que esta evolução de uma parte da juventude chinesa desagradou o regime. "Em 30 de maio de 2021, pelo menos quatro grupos de Tangping no Douban, uma popular plataforma de mídia social que atende especialmente aos jovens, foram eliminados. No dia seguinte, a mesma plataforma sinalizou Tangping como uma palavra-chave sensível e a censurou, já que um grande número de neozelandeses usou o termo para zombar da nova política de três filhos de Pequim".

No mesmo mês, o regulador da Internet da China encomendou plataformas online para "limitar estritamente" novas postagens sobre Tangping, de acordo com uma diretiva obtida pelo New York Times. Uma segunda diretiva exigia que as plataformas de comércio eletrônico parassem de vender roupas, caixas telefônicas e outras mercadorias com a marca "Tangping"⁹.

⁹ Elsie Chen, « These Chinese Millennials Are ‘Chilling,’ and Beijing Isn’t Happy », *The New York Times*, 3 juillet 2021 cité par Wikipedia

A agência de notícias governamental Xinhua critica o movimento Tangping e o chama de "sopa de galinha venenosa" (毒鸡汤). "O tangping trará muitas desvantagens ao desenvolvimento econômico e social" (...) "O objetivo de desenvolvimento de alta qualidade não pode ser alcançado sem as contribuições criativas de nossa juventude". Os professores da prestigiosa Universidade TsingHua chamaram o conceito de TangPing de irresponsável e contrário à ética socialista. A hashtag (#TangPing) que o professor de Tsinghua chama de mentalidade irresponsável gerou mais de 400 milhões de visualizações no site de microblogging Weibo durante um período de três semanas. A hashtag TangPing foi ocultada e os fóruns que a discutiam foram bloqueados. Definitivamente, segundo os líderes dos países democráticos, como os dos regimes autoritários, é preciso «Resgatar o Soldado Trabalho» em todo o planeta. Mas como interpretar essas sucessivas ondas de comportamento?

A quintuplicação da perda de sentido no trabalho

Se o diagnóstico (há um problema real do sentido do trabalho) é amplamente compartilhado, suspeita-se que o mesmo não pode ser dito da natureza da "doença", e muito menos das causas e remédios. Não faremos um inventário dos projetos de restauração. Não há nada de muito novo nisso. Adam Smith e Karl Marx já haviam explorado este "muito barulho por nada". Mais comum à esquerda, o projeto de "devolver sentido ao trabalho" parece muito decepcionante por causa da lacuna entre a extensão do mal-estar corretamente analisado e a extrema modéstia das iniciativas defendidas e seus resultados.

Pode-se dizer que não há base objetiva para esta desvalorização *de fato* contra a qual se pragueja na França pelo lado da "direita de sucessão" de descendência sarkozista (G. Darmanin adorna muito neste estilo). Olivier Passet também mostra seu ceticismo sobre a realidade objetiva da "grande preguiça"¹⁰, mas isto é para reconhecer que existe

¹⁰ https://www.xerficanal.com/economie/emission/Olivier-Passet-La-grande-flemme-Les-Francais-face-au-travail_3751373.html?utm_source=sendinblue&utm_campaign=XC300123&utm_medium=email

um problema subjetivo. Um problema subjetivo atestado pelos seguintes resultados: uma comparação de um barômetro IFOP-soluções solidárias em 2022 com a mesma pesquisa realizada 14 anos antes mostrou que enquanto apenas 37% dos franceses preferiam ganhar menos dinheiro para ter mais tempo livre em 2008, 70% agora expressam essa preferência. O objetivo de ganhar mais tempo para si mesmo supera o de ganhar mais dinheiro.

Vamos apenas ressaltar aqui que a dificuldade de encontrar uma solução para a questão do futuro do trabalho já existente reside no fato de que não há *uma* perda de sentido do trabalho, mas pelo *menos cinco perdas de sentidos* que interagem, contradizem ou se somam de tal forma que o remédio para uma das perdas de significado agrava as outras ou dá origem a novas perdas.

1) Em primeiro lugar, há a taylorização ou industrialização do setor de serviços: enquanto no passado o conteúdo do trabalho de colarinho branco oferecia uma fuga da condição de colarinho azul da indústria (por exemplo, o contato com o público ou com os clientes) e oferecia mais espaço para a autonomia, a racionalização da organização, a gestão por metas numéricas, os *relatórios* contínuos e a constante redivisão de tarefas transformaram o trabalho terciário em uma linha de montagem global para a produção de serviços para o consumo final.

2) A digitalização de tudo intensificou o controle taylorista: introduziu o controle mental do trabalho do trabalhador (e ainda mais porque a figura do capataz no corpo do trabalhador desapareceu em favor de um ambiente "inteligente" que espiona com muito mais eficiência); o setor terciário tornou-se tão industrializado que um colarinho branco parece um colarinho azul, mas tanto o setor industrial quanto o primário tornaram-se terciários: metade do trabalho de um fazendeiro é gasto atrás de um computador fazendo gerenciamento. E o medo do cheque especial do banco substituiu o medo de um aumento no preço do pão.

3) A transição para um capitalismo que explora cada vez mais o poder da invenção e não apenas a força de trabalho, leva a uma mudança global que é em grande parte contraditória com os dois fenômenos anteriores. O trabalho dependente ou subordinado

(explicitamente assalariado, formalmente independente (uber) ou verdadeiramente independente) agora precisa se comprometer subjetivamente com sua tarefa e a demonstrar autonomia e iniciativa, inclusive nas tarefas prescritas. Alain Supiot mostrou isso bem. É um magnífico exemplo de *double-bind* batesoniano¹¹. Pois até mesmo a valorização retórica da iniciativa e do compromisso só sublinha o fato de que a organização atual do trabalho dependente só é capaz de oferecer empregos que atendam a uma pequena minoria.

4) Mesmo que sejamos tentados a « dar sentido ao trabalho » como ele se tornou através de várias iniciativas das quais Thomas Coutrot e Coralie Perez fazem um inventário honesto e detalhado¹², nos deparamos com a objeção ecológica que põe em questão toda a narrativa e a epopeia prometeica do trabalho moderno. Havia um acordo geral sobre a utilidade do trabalho humano em todas as suas formas. Trabalho *improbis omnia vicit* desde o *Georgics de Virgil*: mesmo o trabalho desonesto é a razão de tudo. É mesmo a razão, a medida de tudo, começando pela riqueza (valor de uso) e o capital (valor de troca). Na era da modernidade, economistas clássicos, liberais e marxistas, concordam: o trabalho é a fonte do produto social e do próprio valor. Ricardo e Marx forneceram um alibi formidável para o trabalho: desde que produza valor e mais-valia financeira (capital), o trabalho é produtivo; pode dispensar qualquer questionamento de seu significado a longo prazo. Pois no final, como com W. Hegel, A. Smith, K. Marx, e todos os neoclássicos, tudo se junta. O desenvolvimento das forças produtivas é o destino brilhante da humanidade.

Se o padrão de medição não é mais o do crescimento material dos bens inertes, mas o da reprodução dos vivos e de Gaia (suas condições de sobrevivência na superfície do planeta), todo este extraordinário e monstruoso Teodiceísmo do trabalho se

¹¹ Uma dupla vinculação é um dilema na comunicação em que um indivíduo (ou grupo) recebe duas ou mais mensagens reciprocamente conflitantes. A teoria da dupla vinculação foi declarada pela primeira vez por Gregory Bateson e seus colegas nos anos 50 sobre as origens da esquizofrenia e do transtorno de estresse pós-traumático. As ligações duplas são frequentemente utilizadas como uma forma de controle sem coerção aberta - o uso da confusão as torna difíceis tanto de responder como de resistir.

¹² Thomas Coutrot et Coralie Perez, *op. cit.* capítulos 5, 6 e 7

desmorona. E se o trabalho utilitário mais produtivo de capital ou marginal simplesmente se revelar prejudicial ao bem comum? Não a dos bípedes de dois pés sem penas, mas a de todos os seres vivos e da fina camada viva da terra? Valery falou de uma nova era quando as civilizações entendem que são mortais. E quando entendemos que a sobrevivência do sistema planetário de vida depende de nossas ações de forma urgente? E esta não é a velha figura de linguagem de um sermão de Massillon ("Vaidade das vaidades, tudo é vaidade"), mas algo muito mais aterrador e indutor de culpa: e se o trabalho de que mais me orgulho, que concentra minhas habilidades, minha inteligência, meu engenho, se revelar perfeitamente negativo. Não a "incerteza inútil" de Blaise Pascal em relação ao método do homem de Descartes, mas o "prejudicial" muito mais draconiano.

E tudo aquilo que orgulhosamente chamamos o sentido da vida, do trabalho, acabou sendo prejudicial, assim como costumávamos falar de espécies nocivas? É claro que é mais complicado: é preciso e será preciso muito trabalho e engenhosidade, conhecimento, ciência e arte para dismantelar a tanatocracia que o sistema humano universal de exploração de recursos se tornou. Mas enquanto isso: você é um trabalhador da linha de montagem que faz carros térmicos, um produtor de cereais, um motorista de caminhão, um piloto de avião, um trabalhador de concreto armado, um lenhador que alimenta as serrarias gigantes da Morvan ou as florestas boreais ou amazônicas, engenheiros e professores de química de processo e seu critério não é mais : Funciona, é útil porque vende, é progresso com alguma escória inevitável, mas intensifica a pegada de carbono, acidifica os oceanos, contribui para a sexta extinção de espécies, destrói a biodiversidade e, portanto, torna o meio ambiente muito vulnerável a ataques microbianos, predadores, etc. O que você faz? A RSE (responsabilidade social e ambiental), a publicidade que se lava mais verde a cada dia, não lhe dá náuseas? A geração da *Rebelião da Extinção*, os cientistas que trabalham na *Rebelião Científica*, os novos graduados das Grandes Ecoles que elogiam uma mudança de direção que é muito mais

racional do que o exílio dos anos 60 em Cévennes ou Longo Mai¹³, todos encontram sua base nisto. Tanto assim que todas as tentativas de "salvar o soldado trabalho" parecem anacrônicas, irrisórias e até mesmo exasperantes.

5) O regime de livre remuneração, tão caro a B. Friot, nasceu com o advento da lei trabalhista, que se baseia no caráter irredutível da troca de dinheiro por trabalho mediada por um contrato comercial (esta batalha que retira o trabalho da escravidão está sendo constantemente reaberta, como testemunhado pela requalificação da nova economia uberizada ou informal via contratos de trabalho). Mas sua segunda característica essencial é que o salário se tornou socializado. Através do seguro saúde, inicialmente organizado pelos sindicatos, seguro pensão, assistência à família e proteção social, o *Welfare State* se afastou cada vez mais de um simples *Workfare*, ou seja, medidas mínimas para garantir o fornecimento de fábricas e escritórios. O custo da mão-de-obra tornou-se o custo da atividade na sociedade em geral. O equivalente à mudança da mais-valia absoluta e simples para a mais-valia relativa complexa, incluindo os custos de reprodução da sociedade.

A contra-revolução neoliberal dos anos 1970 e 1990, de fato, produziu um grau de socialização do trabalho, da educação, da formação que enfraquece sua narrativa mitológica do sucesso do *self-made man*. Essa transformação da relação social tem sido completamente funcional para uma transformação do capitalismo onde a atividade de polinização cognitiva se torna muito mais produtiva (entendamos, produz muito mais mais-valia) do que a provisão individualizada de trabalho assalariado. Este último é apenas a ponta do iceberg. Onde a economia real mostra a lua da polinização, o tolo do valor-trabalho aponta o dedo do trabalho assalariado. É essa gigantesca transformação que vem sendo realizada pelos bancos centrais supostamente para resistir à pressão da inflação por meio de custos; Após as crises financeiras de 1996 a 2008 (sendo a última a crise do *subprime* ou do pagamento de empréstimos hipotecários), eles

¹³ Veja a declaração dos engenheiros estudantes justificando sua deserção dos empregos oferecidos pelas grandes empresas alimentícias nas cerimônias de graduação, notadamente a da Agro-ParisTech no outono de 2022[1], seguida por várias outras. Veja o vídeo : <https://www.youtube.com/watch?v=Hs-eh9rufjg>

ratificaram um crescimento da oferta monetária correspondente ao aumento impressionante do multiplicador de crédito devido ao crescimento da riqueza produzida pela polinização.

A aposta de Margaret Thatcher e Milton Friedman foi contornar as lutas dos assalariados pela generalização do mecanismo da anuidade das ações, das poupanças, com vista à capitalização das pensões, dos bens imóveis, pelo consumo ao longo de todo o ciclo da vida (renda permanente). Foi amplamente conquistado, marginalizando o impacto dos custos trabalhistas. Mas esse custo de trabalho, expulso pela porta, voltou pela janela da sociedade financeirizada. Em todos os lugares, inclusive nos países mais "liberais", a participação dos gastos públicos no PIB ultrapassou a marca de 40%; subiu para 51% em todos os países da União Européia. Essas grandes transformações significam que a contratualização do custo da população é global, desde os antigos mecanismos sindicais, passando por todos os mecanismos do estado de bem-estar social, cujos contornos estão mudando dia a dia, até o apoio da economia em todas as suas formas. Isto corresponde estritamente à transformação efetiva da economia, que não é mais simplesmente um *output* de fatores (incluindo "mão-de-obra" medida pela população ativa), mas um resultado global, um *outcome*. Logo será necessário acrescentar a este cálculo o preço do futuro representado pelo grau de endividamento. Também aí, enquanto cresce o tamanho da dívida pública e privada, o tolo neoliberal que nada entende de finanças (a massa monetária como elo com o futuro) exige o equilíbrio das finanças públicas e a gestão do bom pai de família". E isso em um momento em que o preço do futuro exige taxas de endividamento de tempos de guerra (duas ou três vezes o valor do PIB) para fazer frente aos investimentos na transição ecológica.

Diante de transformações tão fundamentais, os debates atuais sobre o valor do trabalho parecem ridículos, senão grotescos. A sabedoria da grande demissão mostra a lua, o caminho das mudanças na atividade e no sentido do trabalho, das produções polinizadoras, das práticas ecológicas. A pessoa obtusa e míope aponta para ganhos salariais e valores de trabalho restritos.